



## ***Revisões da Literatura: Diferenças, Métodos e Aplicações***

Ana Karine de Araújo Soares<sup>1</sup>



<https://doi.org/10.36557/2674-8169.2025v7n11p982-1005>

Artigo recebido em 3 de Outubro e publicado em 13 de Novembro de 2025

### *Revisão narrativa da literatura*

#### **RESUMO**

A revisão da literatura é uma etapa fundamental do processo científico, pois permite compreender o estado atual do conhecimento, identificar lacunas e fundamentar novas investigações. Entretanto, a diversidade de modalidades existentes, narrativa, integrativa, de escopo e sistemática, frequentemente gera confusão conceitual e erros metodológicos. Este trabalho teve como objetivo analisar e descrever os principais tipos de revisão da literatura, destacando suas características, propósitos e critérios de elaboração. Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, conduzida por meio de buscas em bases nacionais e internacionais entre agosto e outubro de 2025. Os resultados evidenciam que cada tipo de revisão possui estrutura e finalidades próprias: a revisão narrativa oferece maior liberdade interpretativa; a integrativa, uma síntese teórico-empírica; a de escopo, o mapeamento amplo do conhecimento; e a sistemática, o rigor e a reprodutibilidade das evidências. Conclui-se que o domínio conceitual e metodológico dessas abordagens é indispensável para a condução de revisões consistentes e para o fortalecimento da produção científica contemporânea.

**Palavras-chave:** Revisão da literatura, Metodologia científica, Revisão narrativa, Revisão sistemática, Revisão integrativa, Revisão de escopo.

# Literature Reviews: Differences, Methods, and Applications

## ABSTRACT

The literature review is a fundamental stage of the scientific process, as it allows researchers to understand the current state of knowledge, identify gaps, and support new investigations. However, the diversity of existing modalities, narrative, integrative, scoping, and systematic, often leads to conceptual confusion and methodological errors. This study aimed to analyze and describe the main types of literature reviews, emphasizing their characteristics, purposes, and methodological criteria. It is a narrative literature review conducted through national and international databases between August and October 2025. The findings show that each type of review has distinct structures and purposes: the narrative review provides interpretative flexibility; the integrative review promotes theoretical and empirical synthesis; the scoping review offers broad knowledge mapping; and the systematic review ensures methodological rigor and reproducibility. It is concluded that conceptual and methodological mastery of these approaches is essential for conducting consistent reviews and strengthening contemporary scientific production.

**Keywords:** Literature review, Scientific methodology, Narrative review, Systematic review, Integrative review, Scoping review.

Instituição afiliada – 1 - Fundação Altino Ventura (FAV), Recife/PE, Brasil.

Autor correspondente: Ana Karine de Araújo Soares [aka.asoares@gmail.com](mailto:aka.asoares@gmail.com)

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



## INTRODUÇÃO

Como escolher o tipo de revisão mais adequado para um determinado estudo? O que diferencia uma revisão narrativa de uma revisão sistemática ou integrativa? E, sobretudo, por que tantos pesquisadores ainda confundem esses formatos, tratam-nos como sinônimos e incorrem em erros metodológicos que comprometem a credibilidade científica de seus trabalhos? Essas são dúvidas recorrentes não somente entre estudantes, mas também entre pesquisadores que, diante da multiplicidade de modelos de revisão, acabam optando por caminhos pouco rigorosos ou conceitualmente imprecisos.

A expansão da produção científica e o fácil acesso a um grande volume de informações impõem novos desafios à prática da revisão da literatura. Nesse cenário, o advento da Inteligência Artificial (IA) tem ampliado ainda mais as possibilidades, mas também os riscos desse processo, ao possibilitar buscas automatizadas, identificação de padrões e síntese de grandes bases de dados em tempo reduzido, mas também ao suscitar preocupações quanto à fidedignidade, à rastreabilidade das fontes e à superficialidade das análises produzidas por algoritmos (Guraya et al., 2016; Ajwang; Ikoha; 2024; Soares et al., 2025). Assim, embora a revisão da literatura seja uma etapa essencial para identificar lacunas, orientar novas investigações e sustentar hipóteses, sua execução inadequada, especialmente quando conduzida sem rigor metodológico ou dependente de ferramentas automatizadas, pode gerar redundância, vieses interpretativos e conclusões frágeis (Brizola & Fantin, 2016).

Não é raro que revisões sejam publicadas sob rótulos equivocados. Revisões “sistemáticas” sem protocolo, revisões “integrativas” sem integração teórica real, ou revisões “bibliográficas” que se limitam a resumos descritivos (Alves et al., 2022; Braucks et al., 2025). Tais erros derivam, em grande parte, da ausência de clareza metodológica e da falta de familiaridade com os referenciais que orientam a construção de cada tipo de estudo. Enquanto a revisão sistemática se ancora em diretrizes consolidadas, como o protocolo PRISMA (Moher et al., 2009), a revisão de escopo busca mapear o conhecimento de forma ampla e exploratória (Arksey & O’Malley, 2005; Levac, Colquhoun & O’Brien, 2010), e a revisão integrativa propõe a síntese de diferentes delineamentos, articulando evidências teóricas e empíricas (Galvão; Pluye; Ricarte, 2017;

Alves et al., 2022).

Entre os diferentes tipos de revisão, a revisão narrativa ocupa um lugar de destaque histórico, sendo amplamente utilizada em diversas áreas do conhecimento. Sua flexibilidade metodológica permite uma análise interpretativa e crítica da produção científica, contextualizando teorias, conceitos e achados de pesquisa de forma integradora. No entanto, essa liberdade também é fonte de equívocos e fragilidades: muitas vezes, revisões narrativas são conduzidas sem critérios explícitos de seleção e análise, o que as torna suscetíveis a viés de seleção e subjetividade excessiva (Alves et al., 2022; Rother, 2007). Ainda assim, quando bem elaborada, a revisão narrativa é capaz de oferecer sínteses teóricas aprofundadas e gerar novas hipóteses científicas, desempenhando papel fundamental na construção e atualização de referenciais conceituais em diferentes campos do saber.

Cada uma dessas modalidades responde a perguntas de pesquisa específicas e exige critérios próprios de seleção, análise e apresentação dos resultados. Entretanto, sem o devido rigor metodológico, qualquer tipo de revisão corre o risco de se tornar apenas uma compilação descritiva, distante da intencionalidade científica que caracteriza a boa pesquisa (Bento, 2012; Islas-Vargas, 2025). Discutir os tipos de revisões da literatura e seus respectivos propósitos é, portanto, uma necessidade formativa e científica. Em um cenário acadêmico que valoriza a prática baseada em evidências (PBE) e a transparência metodológica como pilares da produção de conhecimento.

Neste contexto, compreender os princípios que distinguem cada modalidade de revisão é um passo indispensável para garantir que o levantamento teórico cumpra sua função de construir conhecimento de forma sistemática, crítica e transparente. Sendo assim, objetivo deste trabalho foi analisar e descrever os principais tipos de revisão da literatura, explorando o propósito, o método e as etapas de elaboração de cada uma delas, bem como discutir os erros conceituais e metodológicos mais frequentes na construção desses estudos, de modo a oferecer uma síntese crítica e orientadora para pesquisadores em formação e profissionais da ciência.

## METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma revisão narrativa da literatura, de abordagem qualitativa, cujo objetivo foi descrever e discutir criticamente os diferentes tipos de revisão da literatura científica, seus propósitos e métodos de construção. Optou-se por uma revisão narrativa, pois esse formato permite maior flexibilidade na exploração teórica e possibilita a integração interpretativa de diversas perspectivas metodológicas, em consonância com o propósito de compreender e comparar os delineamentos existentes (Rother, 2007; Alves et al., 2022).

A pesquisa foi conduzida entre agosto e outubro de 2025, envolvendo a consulta de bases de referências nacionais e internacionais, incluindo SciELO, PubMed, Scopus, Web of Science. As buscas foram realizadas utilizando como ferramenta o Google Scholar e contou com textos clássicos e contemporâneos sobre metodologia de pesquisa e tipos de revisão da literatura. Foram utilizados descritores em português e inglês, como *revisão da literatura*, *revisão sistemática*, *revisão integrativa*, *scoping review*, *revisão narrativa* e *mixed reviews*.

O processo de análise dos textos seguiu três etapas principais: leitura exploratória e seleção preliminar, com base na relevância temática e clareza metodológica; leitura analítica e categorização, organizando as informações segundo o tipo de revisão (narrativa, integrativa, sistemática e de escopo) e suas principais características e síntese interpretativa, que buscou integrar as convergências e distinções metodológicas entre os modelos revisados, destacando seus propósitos, rigor científico e aplicabilidade.

A análise dos dados foi conduzida de forma qualitativa e descritiva, visando identificar padrões, lacunas e convergências conceituais. O produto final resultou em uma discussão comparativa sobre as tipologias de revisão, suas potencialidades e limitações, buscando oferecer um panorama claro e atualizado para pesquisadores e estudantes interessados na metodologia científica.

## REVISÃO DE LITERATURA

### A Revisão da Literatura no Contexto da Produção Científica

A revisão da literatura constitui um componente essencial do método científico, funcionando como ligação entre o conhecimento acumulado e a formulação de novas investigações, novos questionamentos. O conhecimento predispõe o questionamento e isso é um diferencial em muitos pesquisadores. Mais do que uma etapa preliminar, a revisão é um procedimento epistemológico fundamental para a construção do conhecimento, pois permite compreender como o conhecimento se organiza, se transforma e se legitima ao longo do tempo (Rother, 2007; Alves et al., 2022).

Islas-Vargas (2025) destaca que a revisão cumpre a função de fundamentar teoricamente o problema de pesquisa, possibilitando ao investigador situar-se no campo do conhecimento e reconhecer as lacunas que justificam o desenvolvimento de novos estudos. Já Braucks et al. (2025) enfatizam seu papel metodológico de legitimação científica, na medida em que uma revisão bem conduzida é o ponto de partida para qualquer investigação empírica consistente, garantindo que o estudo dialogue com as bases conceituais já consolidadas e com os resultados previamente obtidos.

A expansão exponencial da produção científica nas últimas décadas transformou a revisão da literatura em um verdadeiro instrumento de filtragem crítica do conhecimento, indispensável para lidar com o excesso informacional. Nesse sentido, Brizola e Fantin (2016) observam que a revisão assume uma função estratégica de selecionar, avaliar e interpretar evidências de maneira crítica, evitando a redundância e a superficialidade das análises. Em um cenário dominado por plataformas digitais e ferramentas automatizadas de busca e de geração de conteúdo com as IAs generativas (Gao et al., 2025; Soares et al., 2025). O pesquisador é constantemente desafiado a exercer discernimento e rigor, distinguindo entre o volume e o valor da informação científica. Assim, mais do que um levantamento de dados, a revisão é um ato reflexivo de análise e síntese, que organiza o saber de forma a torná-lo compreensível e significativo dentro de um determinado campo teórico.

Com base nessa perspectiva, compreender os tipos e classificações de revisões científicas torna-se imprescindível para orientar o percurso metodológico adequado a pesquisa. Historicamente, a revisão narrativa constituiu o formato mais antigo e

predominante, caracterizando-se por sua natureza descritiva e interpretativa. No entanto, a busca crescente por padronização, transparência e reprodutibilidade conduziu ao surgimento de metodologias sistematizadas, como as revisões integrativas, de escopo e sistemáticas (Green, 1984; Arksey & O'Malley, 2005; Whitemore & Knafl, 2005; Moher et al., 2009; Levac; Colquhoun & O'Brien, 2010). Essa evolução reflete o amadurecimento da ciência e o avanço das abordagens quantitativas e qualitativas, que, embora distintas em finalidade, compartilham o mesmo objetivo de organizar criticamente o corpo de conhecimento existente.

No campo das ciências da saúde e sociais aplicadas, por exemplo, a meta-análise, apresentada por Green (1984) como um método estatístico de integração dos resultados de estudos quantitativos, emergiu como resposta à necessidade de sintetizar evidências empíricas de modo preciso e comparável. Paralelamente, as revisões integrativas e de escopo ampliaram a abrangência metodológica das revisões ao permitirem a combinação de dados empíricos e teóricos, qualitativos e quantitativos (Whitemore & Knafl, 2005; Arksey & O'Malley, 2005). Já a revisão sistemática consolidou-se como o padrão-ouro em termos de rigor e reprodutibilidade, especialmente após a criação do protocolo PRISMA, que estabeleceu critérios padronizados de busca, seleção e análise de estudos (Moher et al., 2009; Page et al., 2023).

Essa pluralidade metodológica revela que não há um modelo único de revisão aplicável a todas as situações de pesquisa; cada tipo de revisão responde a propósitos específicos e oferece diferentes níveis de profundidade analítica, abrangência e rigor. A definição do formato revisional mais adequado deve estar vinculada ao problema de pesquisa, ao tipo de evidência desejada e à intencionalidade científica do estudo (Quadro 1).

### **Revisão Narrativa: tradição, flexibilidade e críticas**

A revisão narrativa ocupa um lugar de destaque histórico na trajetória da pesquisa científica e continua sendo uma das modalidades mais amplamente empregadas em diferentes campos do conhecimento. Trata-se de um formato tradicional de revisão que, conforme definido por Rother (2007), tem como principal característica a interpretação crítica e integradora da literatura existente, permitindo ao

pesquisador construir uma visão teórica e conceitual sobre determinado tema sem a necessidade de seguir protocolos rígidos de busca e seleção. Seu propósito é essencialmente analítico e interpretativo, uma vez que busca compreender, comparar e contextualizar os achados de estudos prévios, construindo uma síntese conceitual que sobrepõe a mera descrição de resultados.

De natureza predominantemente qualitativa e reflexiva, a revisão narrativa se diferencia das revisões sistemáticas e integrativas por privilegiar a liberdade teórica e a amplitude analítica. Essa característica confere ao autor a possibilidade de explorar o tema de maneira mais aberta, conectando diferentes perspectivas epistemológicas e metodológicas. Esta flexibilidade favorece o desenvolvimento de interpretações originais e a proposição de novas abordagens conceituais, algo especialmente relevante em campos emergentes, nos quais ainda não há um corpo consolidado de evidências empíricas. Como observam Braucks et al. (2025), esse tipo de revisão permite ao pesquisador “pensar a literatura”, promovendo uma articulação entre teoria e contexto que amplia o entendimento do fenômeno investigado. Assim, a revisão narrativa não se limita a compilar informações, ela reconstrói o sentido do conhecimento existente, servindo de base para o refinamento de conceitos, hipóteses e modelos teóricos.

Entretanto, essa liberdade metodológica também representa o ponto mais vulnerável da revisão narrativa, tornando-a, muitas vezes, subestimada dentro das buscas por conteúdos de qualidade. Diversos autores têm apontado a falta de padronização e o risco de vieses como desafios inerentes a essa modalidade (Alves et al., 2022; Rother, 2007). A ausência de critérios explícitos de busca, seleção e análise pode comprometer a rastreabilidade do processo revisional e reduzir a credibilidade dos resultados. Em muitos casos, revisões narrativas são equivocadamente apresentadas como “sistemáticas” ou “integrativas”, sem o devido rigor metodológico exigido por essas modalidades (Alves et al., 2022). Esse uso impreciso das terminologias reforça a necessidade de clareza conceitual e transparência nos procedimentos adotados, a fim de evitar confusões entre diferentes tipos de revisão.

Apesar dessas limitações, a revisão narrativa mantém relevância epistemológica e metodológica quando elaborada com critérios de consistência e coerência analítica. Rother (2007) ressalta que, mesmo sem seguir protocolos fixos, a revisão narrativa pode alcançar um elevado grau de rigor se o autor explicitar as etapas de busca, justificar as

escolhas de fontes e adotar uma postura crítica diante do material revisado. Nessa perspectiva, Alves et al. (2022) defendem que a credibilidade da revisão narrativa não depende da quantidade de estudos revisados, mas da profundidade interpretativa e da consistência argumentativa do texto. Quando bem conduzida, essa modalidade é capaz de oferecer uma compreensão densa e articulada da literatura, contribuindo para o desenvolvimento teórico e para a consolidação de campos científicos em formação.

A narrativa revisional, portanto, cumpre um papel essencial de reconstrução teórica e de integração do conhecimento. Em áreas de pesquisa em que o volume de evidências é escasso ou fragmentado, a revisão narrativa atua como ponte entre diferentes linhas teóricas, permitindo sistematizar discussões dispersas e identificar tendências emergentes. Brizola e Fantin (2016) reforçam que a função principal desse tipo de revisão é proporcionar uma visão abrangente e crítica da literatura, oferecendo ao leitor um panorama interpretativo que vai além da simples catalogação de estudos. Assim, longe de ser uma forma “menos rigorosa” de revisão, a narrativa, quando orientada por princípios de coerência, transparência e criticidade, se configura como uma ferramenta de alta relevância científica, capaz de sustentar construções teóricas sólidas e de impulsionar novas linhas de pesquisa.

A revisão narrativa representa uma modalidade metodológica cuja força reside na capacidade de síntese interpretativa e na liberdade teórica. Embora careça da estruturação formal de outros tipos de revisão, ela continua indispensável para a compreensão de fenômenos complexos e para a formulação de novos marcos conceituais. O desafio contemporâneo, portanto, não está em substituí-la, mas em qualificá-la, isto é, em praticar uma revisão narrativa que combine flexibilidade analítica com rigor crítico, assegurando que sua contribuição à ciência seja tanto sólida quanto inovadora. Para isso, a devida compreensão com relação ao seu desenvolvimento é fundamental para que o produto final seja confiável.

### **Revisão Integrativa: a síntese teórico-empírica**

A revisão integrativa ocupa um espaço singular no campo das metodologias de revisões da literatura, configurando-se como uma estratégia que busca integrar e sintetizar o conhecimento teórico e empírico existente sobre determinado fenômeno (Whittemore & Knafl, 2005). Diferente das revisões sistemáticas, que se concentram em

estudos de desenho semelhante e em perguntas específicas, a revisão integrativa distingue-se por sua amplitude metodológica e flexibilidade epistemológica, permitindo a inclusão de diferentes tipos de pesquisa, quantitativas, qualitativas, teóricas e experimentais, em um mesmo processo de análise (Whittemore & Knafl, 2005). Essa característica torna-a particularmente valiosa em áreas que lidam com fenômenos complexos, nos quais a diversidade de perspectivas e métodos é condição necessária para alcançar uma compreensão mais abrangente.

A origem conceitual desse modelo é atribuída à contribuição de Whittemore e Knafl (2005), que atualizaram e refinaram o método originalmente proposto por Broome na década de 1990 (Broome, 1993), estabelecendo um fluxo metodológico estruturado para a integração de resultados heterogêneos. Segundo as autoras, o propósito central da revisão integrativa é oferecer um compilado compreensível do estado do conhecimento, possibilitando o desenvolvimento de teorias, a definição de conceitos e a formulação de diretrizes PBE. Ao incorporar estudos de diferentes naturezas, a revisão integrativa rompe com as estruturas rígidas de evidência, típicas da medicina baseada em ensaios clínicos, vista com ressalvas por alguns pesquisadores que acreditam que isso torna a análise da evidência mais reservada (Souza; Silva; Carvalho, 2010; Coriolano-Marinus et al., 2014; De Sousa et al., 2017; Mariano; Rocha, 2017), e amplia o escopo da pesquisa revisional para incluir também evidências conceituais e contextuais.

No Brasil, essa abordagem foi consolidada e difundida por Souza, Silva e Carvalho (2010), que sistematizaram as etapas do processo e demonstraram sua aplicabilidade em diversas áreas da saúde e das ciências sociais aplicadas. Esses autores reforçam que a revisão integrativa “permite reunir e sintetizar o conhecimento disponível, contribuindo para a melhoria da prática e o fortalecimento das bases teóricas da pesquisa”.

O processo metodológico da revisão integrativa é composto por etapas bem definidas, que garantem coerência e rastreabilidade ao percurso analítico. A primeira etapa consiste na formulação da questão norteadora, que delimita o foco temático e orienta todas as fases subsequentes. Em seguida, realiza-se a busca e seleção da literatura de forma sistemática, ainda que com maior flexibilidade do que nas revisões sistemáticas tradicionais, admitindo múltiplas bases de dados e diferentes tipos de produção científica. A terceira etapa envolve a extração e organização dos dados,

seguida pela avaliação crítica dos estudos incluídos, em que se examinam a relevância, a consistência metodológica e a contribuição teórica de cada um deles. Por fim, ocorre a síntese interpretativa, etapa que distingue a revisão integrativa das demais, pois demanda do pesquisador um exercício de articulação entre evidências empíricas e referenciais teóricos, gerando uma compreensão integrada do fenômeno investigado (Whittemore & Knafl, 2005; Souza et al., 2010).

Essa abordagem possui um potencial significativo para construir referenciais conceituais, atualizar práticas profissionais e orientar políticas baseadas em evidências. Ao reunir dados provenientes de diferentes desenhos de pesquisa, a revisão integrativa permite reconhecer padrões, identificar contradições e formular hipóteses explicativas que não seriam perceptíveis em estudos isolados. Trata-se, portanto, de um método que não apenas compila o conhecimento existente, mas o reinterpreta criticamente, transformando a diversidade metodológica em um espaço de diálogo entre paradigmas científicos. Como observado por Islas-Vargas (2025), o valor da revisão integrativa está justamente na capacidade de “converter a heterogeneidade das evidências em compreensão articulada e aplicável”, favorecendo o avanço teórico e o aprimoramento das PBE.

Entretanto, a amplitude da revisão integrativa também impõe desafios metodológicos e epistemológicos relevantes. Entre suas principais limitações, destaca-se a necessidade de critérios explícitos de seleção e análise, já que a inclusão de estudos de naturezas distintas aumenta o risco de vieses interpretativos e de inconsistências na síntese final. Alves et al. (2022) salientam que a ausência de padronização entre os estudos primários requer do pesquisador um rigor analítico adicional, sobretudo na etapa de interpretação qualitativa dos resultados. Outro desafio diz respeito à compatibilização de diferentes paradigmas epistemológicos, quantitativo, qualitativo e teórico, cuja integração demanda clareza metodológica e coerência argumentativa. A falta de uniformidade nos desenhos e objetivos das pesquisas analisadas pode dificultar a articulação entre as evidências e comprometer a validade das conclusões.

Por essas razões, as boas práticas na elaboração dessas revisões incluem a explicitação das etapas metodológicas, o uso de instrumentos padronizados de avaliação crítica, e a descrição transparente dos critérios de inclusão, exclusão e categorização dos estudos. Quando conduzida com esse nível de rigor, a revisão

integrativa se converte em uma poderosa ferramenta de síntese científica, capaz de unir amplitude teórica e profundidade empírica. Ao propor uma leitura integradora e interpretativa do conhecimento, essa modalidade reafirma seu papel como ponte entre a teoria e a prática, contribuindo de forma significativa para o avanço das ciências contemporâneas.

### **Revisão de Escopo: Mapeamento e Amplitude do Conhecimento**

A revisão de escopo, também denominada *scoping review*, é um tipo de revisão da literatura que tem como propósito principal mapear a extensão, a amplitude e a natureza do conhecimento disponível sobre um determinado tema. Esse formato revisional surgiu da necessidade de compreender de maneira mais ampla e exploratória campos de pesquisa ainda em consolidação, nos quais há grande heterogeneidade metodológica e conceitual. A concepção original foi proposta por Arksey e O'Malley (2005), que apresentaram um modelo sistemático, mas não restritivo, para a realização desse tipo de revisão. Segundo as autoras, o objetivo central da revisão de escopo é identificar as lacunas existentes na literatura, descrever como determinado tema tem sido investigado e fornecer subsídios para o delineamento de futuras revisões sistemáticas ou estudos empíricos.

Posteriormente, Levac, Colquhoun e O'Brien (2010) aprimoraram o modelo inicial, enfatizando a necessidade de maior clareza metodológica, rigor analítico e relevância interpretativa. Esses autores propuseram ajustes importantes, especialmente no que se refere à formulação da questão de pesquisa e à inclusão de uma etapa de interpretação crítica dos resultados, que não estava plenamente desenvolvida na proposta original. Assim, enquanto a estrutura de Arksey & O'Malley (2005) tinha um caráter mais descritivo e exploratório, a atualização de Levac et al. (2010) introduziu um enfoque mais reflexivo e sistematizado, reforçando o potencial da revisão de escopo não apenas para mapear, mas também para compreender e contextualizar o estado atual de determinado campo de conhecimento. Dessa forma, a revisão de escopo passou a se consolidar como uma ferramenta metodológica intermediária entre a revisão narrativa e a sistemática, combinando amplitude de levantamento e clareza processual, sem necessariamente realizar avaliação crítica da qualidade dos estudos incluídos.

O percurso metodológico da revisão de escopo envolve um conjunto de etapas sequenciais que asseguram a coerência e a transparência do processo. A primeira delas consiste na identificação da questão de pesquisa, que deve ser ampla e aberta, permitindo capturar a multiplicidade de abordagens existentes sobre o tema. Em seguida, realiza-se o mapeamento das fontes de informação, geralmente por meio de buscas em bases de dados eletrônicas, documentos institucionais, literatura cinzenta (termo usado para publicações e documentos que não são controlados pelo mercado editorial comercial) e outras fontes relevantes. Arksey e O'Malley (2005) ressaltam que, diferentemente das revisões sistemáticas, as revisões de escopo não se limitam a critérios rígidos de inclusão e exclusão, privilegiando uma abordagem abrangente e exploratória.

Um dos elementos distintivos e mais inovadores desse tipo de revisão é a etapa denominada "consultation exercise", proposta originalmente por Arksey & O'Malley (2005). Nessa fase, especialistas e profissionais da área são convidados a revisar os resultados preliminares, oferecer interpretações adicionais e validar as conclusões obtidas. Essa consulta tem dupla finalidade: aprimorar a validade externa dos achados e garantir que o produto final da revisão tenha relevância prática e social, conectando a pesquisa ao contexto real de aplicação do conhecimento. Levac, Colquhoun e O'Brien (2010) reforçam que essa etapa deve ser considerada parte integrante do processo, e não apenas opcional, pois amplia a confiabilidade da revisão e fortalece o diálogo entre pesquisadores e a comunidade científica.

Apesar de sua utilidade e versatilidade, a revisão de escopo apresenta limites e desafios metodológicos que precisam ser reconhecidos. Entre eles, destaca-se o risco de superficialidade analítica, sobretudo quando o mapeamento é conduzido de forma meramente descritiva, sem a devida análise crítica das fontes. Como observa Islas-Vargas (2025), o caráter exploratório da revisão de escopo não deve ser confundido com ausência de rigor; ao contrário, é justamente o exercício analítico e interpretativo que confere valor científico a esse tipo de revisão. Alves et al. (2022) também alertam que, sem critérios mínimos de categorização e organização das evidências, a revisão de escopo pode resultar em compilações extensas, porém pouco elucidativas. Portanto, é essencial que o pesquisador adote estratégias de análise e síntese que permitam

transformar o mapeamento em compreensão estruturada, articulando as principais tendências, lacunas e perspectivas futuras do campo investigado.

Por outro lado, as potencialidades da revisão de escopo são expressivas, especialmente em áreas interdisciplinares, complexas ou emergentes. Sua natureza inclusiva e exploratória possibilita o reconhecimento de padrões conceituais, a identificação de inconsistências teóricas e a delimitação de novos problemas de pesquisa. Além disso, esse tipo de revisão contribui para a construção de terminologias, a consolidação de campos científicos e o planejamento de agendas de investigação (Arksey; O'malley, 2005; Levac; Colquhoun; O'brien, 2010). Assim, a revisão de escopo se destaca como um instrumento metodológico estratégico, que não apenas descreve o conhecimento disponível, mas também orienta o avanço das fronteiras científicas, articulando amplitude de levantamento e relevância analítica.

A revisão de escopo equilibra abrangência e sistematização, oferecendo uma visão panorâmica e interpretativa do estado da arte sobre determinado tema. Sua força reside na capacidade de mapear o território do conhecimento, enquanto seus desafios se concentram em evitar a dispersão e o excesso de generalidade. Quando conduzida com rigor, clareza e reflexão crítica, a revisão de escopo cumpre um papel essencial na ciência contemporânea de construir pontes entre a diversidade de evidências e a necessidade de síntese, abrindo caminho para investigações mais delimitadas e aprofundadas, como as revisões sistemáticas e integrativas.

### **Revisão Sistemática: rigor, protocolos e transparência**

A revisão sistemática representa um marco na consolidação da ciência baseada em evidências e se caracteriza como o modelo mais estruturado e rigoroso de revisão da literatura. Diferentemente das revisões narrativas e integrativas, cuja flexibilidade permite interpretações amplas e exploratórias, a revisão sistemática se ancora em protocolos metodológicos padronizados que visam garantir transparência, reprodutibilidade e controle de vieses (Rother, 2007; Moher et al., 2009). Sua origem está intimamente ligada ao movimento da medicina baseada em evidências, que, a partir da década de 1990, buscou formas de integrar resultados de múltiplos estudos de maneira confiável e verificável, promovendo decisões clínicas e políticas fundamentadas em dados científicos sólidos (Moher et al., 2009).

A consolidação desse modelo ocorreu com a criação do protocolo PRISMA (*Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses*), publicado inicialmente em 2009 e atualizado em 2020 (Moher et al., 2009; Page et al., 2023). Esse protocolo define um conjunto de critérios e etapas obrigatórias que orientam o planejamento, a condução e a apresentação dessas revisões, abrangendo desde a formulação da pergunta de pesquisa até a síntese final dos resultados. O controle de viés é o princípio estruturante dessa metodologia, e cada etapa, busca, seleção, extração e avaliação dos estudos, é delineada para minimizar a subjetividade e maximizar a confiabilidade dos achados. Segundo Page et al. (2023), a atualização do PRISMA incorporou avanços tecnológicos e a necessidade de maior transparência nas decisões metodológicas, incluindo o uso de ferramentas de avaliação da qualidade das evidências e do risco de viés, como o ROB-ME (Risk of Bias due to Missing Evidence).

O processo de condução de uma revisão sistemática segue etapas sequenciais e interdependentes, iniciando-se pela formulação da pergunta de pesquisa, geralmente estruturada pelo modelo PICOS (População, Intervenção, Comparador, Outcome e Study Design). Essa etapa é decisiva, pois define os critérios que guiarão toda a busca e seleção das evidências. Em seguida, realiza-se uma busca abrangente e reproduzível em bases de dados científicas, com descritores e operadores booleanos claramente definidos. Após a seleção dos estudos conforme critérios de inclusão e exclusão, procede-se à extração dos dados e à avaliação crítica da qualidade metodológica, empregando instrumentos de análise que asseguram consistência e objetividade. Finalmente, os resultados são sintetizados de modo narrativo ou quantitativo, e o processo é documentado em fluxogramas e *checklists* conforme as recomendações do PRISMA (Moher et al., 2009; Page et al., 2023).

O principal diferencial da revisão sistemática reside, portanto, na sua transparência e replicabilidade. Cada decisão metodológica deve ser registrada e justificável, o que permite que outros pesquisadores reproduzam o estudo, revisem as evidências e validem os resultados. Essa rastreabilidade é essencial para o acúmulo de conhecimento confiável, especialmente em contextos em que a tomada de decisão científica ou profissional depende da robustez das conclusões obtidas. No entanto, o próprio rigor que caracteriza a revisão sistemática também impõe certas limitações interpretativas, uma vez que a busca por objetividade pode restringir a capacidade de

análise teórica e contextual, tornando o processo excessivamente técnico, menos reflexivo e mais limitante (Islas-Vargas, 2025).

No contexto da sistemática, surge a meta-análise como extensão quantitativa e complementar. Introduzida por Green e Hall (1984), a meta-análise propõe o uso de técnicas estatísticas para integrar resultados de estudos independentes, transformando seus achados em estimativas de efeito combinadas. Esse método permite detectar padrões, quantificar a magnitude das relações entre variáveis e aumentar o poder estatístico das conclusões ao agregar dados de múltiplas amostras. As medidas de efeito, como *odds ratios*, *risk ratios* e *mean differences*, constituem o núcleo analítico da meta-análise, que também incorpora a análise da variabilidade entre estudos (*heterogeneidade*), elemento essencial para interpretar a consistência dos resultados obtidos.

Entre as vantagens do enfoque quantitativo, destaca-se a possibilidade de reduzir a subjetividade presente em análises qualitativas e de identificar tendências gerais que poderiam permanecer ocultas em estudos isolados. A meta-análise, ao reunir múltiplas evidências sob um mesmo modelo estatístico, oferece uma visão mais precisa e robusta do fenômeno estudado, sendo amplamente utilizada para fundamentar diretrizes, protocolos clínicos e políticas públicas (Green & Hall, 1984; Page et al., 2023). Contudo, seu uso requer extrema cautela, pois a dependência da homogeneidade metodológica e da qualidade dos estudos incluídos pode comprometer a validade dos resultados. Estudos com delineamentos heterogêneos, amostras pequenas ou vieses de publicação tendem a distorcer as estimativas globais, limitando a generalização dos achados (Moher et al., 2009).

Entre as críticas e desafios contemporâneos à revisão sistemática e à meta-análise, destacam-se a tendência à padronização excessiva e a dificuldade de integrar abordagens qualitativas ou teóricas. O modelo sistemático, ao priorizar a reprodutibilidade e o controle de variáveis, pode restringir a interpretação conceitual e a complexidade dos fenômenos estudados, o que leva à necessidade de complementar essas revisões com análises mais flexíveis, como as revisões integrativas e narrativas (Alves et al., 2022; Islas-Vargas, 2025). Além disso, o avanço das tecnologias de busca automatizada e o uso crescente de algoritmos de IA introduzem novas problemáticas

éticas e metodológicas relacionadas à rastreabilidade e à confiabilidade das fontes (Page et al., 2023).

A revisão sistemática representa o ponto alto do rigor e da transparência na síntese do conhecimento científico, e sua contribuição para a PBE é inegável. Contudo, o desafio contemporâneo reside em equilibrar a precisão metodológica com a profundidade interpretativa, reconhecendo que a objetividade estatística da meta-análise e o formalismo do PRISMA não substituem a necessidade de reflexão crítica e contextualização teórica. Assim, longe de ser um modelo fechado, a revisão sistemática deve ser compreendida como um instrumento dinâmico e evolutivo, cuja força está em combinar rigor, clareza e responsabilidade científica no processo de transformação da informação em conhecimento.

### **Comparativo entre os Tipos de Revisão**

A diversidade de modelos de revisão da literatura reflete a pluralidade epistemológica da pesquisa científica contemporânea. Cada tipo de revisão foi desenvolvido para atender a necessidades específicas de síntese do conhecimento, variando quanto à finalidade, ao grau de estruturação e ao rigor metodológico. Essa multiplicidade, embora enriquecedora, também exige do pesquisador clareza conceitual e discernimento metodológico no momento de escolher qual formato melhor se adequa ao problema de pesquisa. A comparação entre essas modalidades revela não apenas diferenças de método, mas também de função científica, natureza da pergunta, critérios de seleção e tipo de resultado esperado.

Em termos gerais, a revisão narrativa mantém sua relevância como instrumento de interpretação teórica e contextualização conceitual, enquanto a revisão sistemática e a meta-análise representam o ápice do rigor e da reprodutibilidade metodológica. A revisão integrativa, por sua vez, atua como uma ponte entre abordagens qualitativas e quantitativas, buscando sínteses teórico-empíricas abrangentes, ao passo que a revisão de escopo tem papel exploratório e mapeador, sendo especialmente útil em áreas emergentes e pouco consolidadas (Whittemore & Knafl, 2005; Arksey & O'Malley, 2005; Levac et al., 2010; Moher et al., 2009).

Para compreender essas distinções de forma estruturada, o quadro 2 apresenta uma síntese comparativa das principais diferenças entre os tipos de revisão da literatura quanto ao foco, à estrutura metodológica e ao grau de rigor científico.

Como se observa, a revisão sistemática, guiada por protocolos como o PRISMA (Moher et al., 2009; Page et al., 2023), ocupa a posição mais formalizada, exigindo etapas reprodutíveis e avaliação explícita do risco de viés. Já a revisão de escopo, estruturada segundo o *framework* de Arksey & O'Malley (2005) e aprimorada por Levac et al. (2010), segue diretrizes específicas (como o PRISMA-ScR), priorizando o mapeamento da literatura, mas sem obrigatoriedade de avaliação da qualidade das fontes. A revisão integrativa, fundamentada no modelo de Whitemore & Knafelz (2005), equilibra amplitude e análise crítica, combinando diferentes métodos de pesquisa, enquanto a revisão narrativa conserva seu caráter interpretativo e menos formal, orientando-se pela liberdade teórica e pela contextualização conceitual (Rother, 2007; Alves et al., 2022).

A escolha entre esses modelos não deve ser arbitrária, ela precisa estar alinhada ao objetivo da pesquisa e à natureza da questão investigada. Islas-Vargas (2025) ressalta que o tipo de revisão a ser utilizado depende diretamente da intencionalidade científica do estudo, se o propósito é explorar um campo, sintetizar teorias, mapear o conhecimento ou avaliar evidências. Nesse sentido, a definição clara do problema de pesquisa, da abrangência e do tipo de evidência esperada é o critério que orienta a decisão metodológica. Além das distinções estruturais, cada tipo de revisão apresenta vantagens e desvantagens próprias, que devem ser consideradas antes da definição do modelo metodológico a ser escolhido para determinada finalidade (quadro 3).

A partir da leitura comparativa dos quadros, percebe-se que não há uma hierarquia absoluta entre os tipos de revisão, mas adequações metodológicas em função dos objetivos e do contexto da pesquisa. Enquanto a revisão narrativa oferece liberdade analítica e profundidade interpretativa, a revisão sistemática fornece precisão e robustez. Já a revisão integrativa se destaca pela capacidade de dialogar entre paradigmas distintos, e a revisão de escopo, pela função exploratória e cartográfica, que antecipa e orienta estudos mais delimitados.

Em um cenário científico marcado pela multiplicidade de fontes e pela sobreposição de informações, a escolha consciente do tipo de revisão torna-se um ato

de responsabilidade metodológica. Definir o formato revisional é, em última instância, definir o modo como se pretende produzir e validar conhecimento. Conforme enfatiza Islas-Vargas (2025), o pesquisador deve alinhar o método revisional à natureza da pergunta e à intencionalidade científica do estudo, pois “a clareza metodológica é o ponto de partida da legitimidade epistemológica”. Assim, mais do que uma decisão técnica, a escolha do tipo de revisão constitui uma decisão epistemológica e estratégica, que determina o alcance, a profundidade e a credibilidade da investigação.

A comparação entre os diferentes tipos de revisão, evidencia que não existe um modelo único ou superior, mas sim abordagens complementares que se articulam em torno de diferentes propósitos científicos. O pesquisador deve dominar essas distinções para selecionar conscientemente o modelo mais adequado, equilibrando amplitude e rigor, descrição e análise, sistematização e reflexão crítica. Essa escolha metodológica consciente é o que garante que a revisão da literatura não seja apenas uma etapa formal do processo de pesquisa, mas um exercício intelectual de síntese, crítica e construção do conhecimento científico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A compreensão das diferenças conceituais e metodológicas entre os tipos de revisão da literatura é essencial para a produção científica de qualidade. Este estudo demonstrou que cada modalidade, narrativa, integrativa, de escopo e sistemática, responde a propósitos específicos e requer distintos níveis de rigor e estruturação. A revisão narrativa destaca-se pela liberdade teórica e capacidade interpretativa; a integrativa, pela articulação entre evidências teóricas e empíricas; a de escopo, pelo mapeamento amplo e exploratório; e a sistemática, pelo alto grau de padronização e confiabilidade das evidências.

A escolha adequada do tipo de revisão deve ser guiada pela intencionalidade científica, pela natureza da pergunta de pesquisa e pelo nível de precisão desejado. Mais do que uma decisão técnica, essa escolha reflete um posicionamento epistemológico que define o alcance e a profundidade da análise. Em um cenário acadêmico marcado pela sobrecarga informacional e pelo uso crescente de ferramentas automatizadas, torna-se ainda mais urgente valorizar a clareza metodológica, a transparência dos



processos e o pensamento crítico como pilares da pesquisa científica. Assim, compreender e aplicar corretamente os diferentes modelos de revisão contribui para o fortalecimento da credibilidade acadêmica e para a consolidação de práticas de pesquisa mais éticas, consistentes e inovadoras.

## REFERÊNCIAS

AJWANG, Stephen Oloo; IKOHA, Anselimo Peters. Publish or perish in the era of artificial intelligence: which way for the Kenyan research community? **Library Hi Tech News**, v. 41, n. 9, p. 7-11, 2024.

ALVES, Mariana Rocha et al. Revisão da literatura e suas diferentes características. **Editora Científica Digitas**, v. 4, p. 46-53, 2022.

ARKSEY, Hilary; O'MALLEY, Lisa. Scoping studies: towards a methodological framework. **International journal of social research methodology**, v. 8, n. 1, p. 19-32, 2005.

BENTO, Antônio. Como fazer uma revisão da literatura: Considerações teóricas e práticas. **Revista JA (Associação Acadêmica da Universidade da Madeira)**, v. 7, n. 65, p. 42-44, 2012.

BRAUCKS, Júlia Batista et al. Pesquisa Bibliográfica como Metodologia de Pesquisa Científica. **RELACult-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, v. 11, 2025.

BRIZOLA, Jairo; FANTIN, Nádia. Revisão da literatura e revisão sistemática da literatura. **Revista de Educação do Vale do Arinos-RELVA**, v. 3, n. 2, 2016.

BROOME, M. E. Integrative literature reviews in the development in nursing: foundations, techniques and applications. **Phipadelphia (USA): WB Saunders Company**, 1993.

CORIOLOANO-MARINUS, Maria Wanderleya de Lavor et al. Comunicação nas práticas em saúde: revisão integrativa da literatura. **Saúde e Sociedade**, v. 23, p. 1356-1369, 2014.

DE SOUSA, Luís Manuel Mota et al. A metodologia de revisão integrativa da literatura em enfermagem. **Revista investigação em enfermagem**, v. 21, n. 2, p. 17-26, 2017.

GALVÃO, Maria Cristiane Barbosa; PLUYE, Pierre; RICARTE, Ivan Luiz Marques. Métodos de pesquisa mistos e revisões de literatura mistas: conceitos, construção e critérios de avaliação. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, v. 8, n. 2, p. 4-24, 2017.



GAO, Runyang et al. Legal regulation of AI-assisted academic writing: challenges, frameworks, and pathways. **Frontiers in Artificial Intelligence**, v. 8, p. 1546064, 2025.

GREEN, Bert F.; HALL, Judith A. Quantitative methods for literature reviews. **Annual review of psychology**, 1984.

GURAYA, Salman Y. et al. Publish or Perish mantra in the medical field: A systematic review of the reasons, consequences and remedies. **Pakistan journal of medical sciences**, v. 32, n. 6, p. 1562, 2016.

ISLAS-VARGAS, Leticia. Métodos en investigación Methods in research. **Logos Boletín Científico de la Escuela Preparatoria**, v. 12, n. 23, p. 23-25, 2025.

LEVAC, Danielle; COLQUHOUN, Heather; O'BRIEN, Kelly K. Scoping studies: advancing the methodology. **Implementation science**, v. 5, n. 1, p. 69, 2010.

MOHER, David et al. Preferred reporting items for systematic reviews and meta-analyses: the PRISMA statement. **Bmj**, v. 339, 2009.

PAGE, Matthew J. et al. ROB-ME: a tool for assessing risk of bias due to missing evidence in systematic reviews with meta-analysis. **bmj**, v. 383, 2023.

ROTHER, Edna Terezinha. Systematic literature review X narrative review. **Acta paulista de enfermagem**, v. 20, p. v-vi, 2007.

SOARES, Ana Karine de Araújo. Publish or Perish: Em Tempos de Inteligência Artificial, quem publica pouco é Rei? **Research, Society and Development**, v. 14, n. 8, p. e3814849377-e3814849377, 2025.

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein (São Paulo)**, v. 8, p. 102-106, 2010.

WHITTEMORE, Robin; KNAFL, Kathleen. The integrative review: updated methodology. **Journal of advanced nursing**, v. 52, n. 5, p. 546-553, 2005.

## TABELAS

**Quadro 1 – Síntese Propósito Principal de cada tipo de revisão da literatura**

Tipo de Revisão	Propósito Principal
Revisão Narrativa	Contextualizar o tema e fornecer uma base teórica crítica. É útil para apresentar o “estado da arte” ou fundamentar a seção teórica de projetos, teses/dissertações.
Revisão Integrativa	Sintetizar o conhecimento de forma completa sobre um determinado fenômeno, combinando dados de pesquisas com diferentes metodologias.
Revisão de Escopo	Mapear a extensão, o escopo e a natureza da literatura existente em um tópico, identificando lacunas de pesquisa e definindo conceitos-chave.
Revisão Sistemática	Responder a uma pergunta específica e bem definida por meio da síntese de todas as evidências relevantes e de alta qualidade, minimizando o viés.

Fonte: elaboração própria.

**Quadro 2 - Diferenças Gerais entre os diferentes tipos de revisão da literatura (Foco, Estrutura e Rigor)**

Característica	Revisão Narrativa	Revisão Integrativa	Revisão de Escopo	Revisão Sistemática
Pergunta de Pesquisa	Ampla e geral (ex: estado da arte).	Ampla, focada em um fenômeno.	Ampla, foca em mapear um conceito/área.	Estreita, específica e estruturada (ex: PICOS).
Protocolo de Pesquisa	Não é obrigatório e geralmente ausente.	Recomendado (para replicabilidade), mas menos rígido que a RS.	Obrigatório (segue JBI ou PRISMA-ScR).	Obrigatório e rigoroso (segue PRISMA ou Cochrane).
Crítérios de Seleção	Não explícitos, baseados no julgamento do autor.	Explícitos, definidos para incluir diferentes metodologias.	Explícitos, focados na relevância do mapeamento.	Estritamente explícitos e pré-definidos para maximizar a validade.
Avaliação da Qualidade (Viés)	Não usual.	Opcional, mas recomendado.	Não usual, pois o foco é o mapeamento, não a síntese de evidências.	Obrigatório (métodos rigorosos como GRADE, Cochrane Risk of Bias Tool).
Tipos de Estudos Incluídos	Variados: livros, artigos, documentos.	Variados: estudos empíricos (quantitativos e qualitativos) e teóricos.	Extremamente variados: estudos empíricos, opiniões, artigos de política.	Principalmente estudos primários de alta qualidade (ensaios clínicos, estudos observacionais).

Fonte: elaboração própria.

**Quadro 3 – Vantagens e Desvantagens no uso dos diferentes tipos de revisão da literatura**

<b>Tipo de Revisão</b>	<b>Vantagens</b>	<b>Desvantagens</b>
<b>Revisão Narrativa</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Rápida e flexível.</li><li>• Ideal para contextualizar um tema amplo.</li><li>• Permite a inclusão de literatura "cinzenta" e teórica.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Alto risco de viés (viés de seleção e subjetividade).</li><li>• Não é considerada evidência científica robusta.</li><li>• Dificilmente replicável.</li></ul>
<b>Revisão Integrativa</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Capacidade de sintetizar conhecimentos de diferentes tipos de pesquisa.</li><li>• Útil para investigar conceitos complexos em diversas áreas.</li><li>• Mais abrangente que a RS.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Dificuldade em combinar e analisar dados muito heterogêneos.</li><li>• O rigor metodológico é variável e pode ser menor que o da RS.</li></ul>
<b>Revisão de Escopo</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Excelente para identificar lacunas e a amplitude de um tema.</li><li>• Precursora útil para uma RS futura.</li><li>• * Inclui e mapeia literatura diversa, sem restrição de design.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Não avalia o viés ou a qualidade dos estudos primários.</li><li>• Não fornece conclusões sobre a eficácia de intervenções.</li><li>• A síntese de dados é tipicamente descritiva, e não analítica.</li></ul>
<b>Revisão Sistemática</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Menor risco de viés (alta confiabilidade da evidência).</li><li>• Base ideal para tomadas de decisão e diretrizes clínicas/políticas.</li><li>• Possibilita Meta-análise (análise estatística dos resultados).</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Demorada e cara de realizar (exige muitos recursos e tempo).</li><li>• A aplicabilidade pode ser limitada se não houver estudos primários de alta qualidade.</li><li>• Não adequada para temas amplos.</li></ul>

Fonte: elaboração própria.